

O cobertor no rio

Recontado por Eesha Sardesai

O rio corria apressado, fazendo saltar pequenos jorros de água sobre as rochas em seu caminho, mas sem se deter. Dois homens, ambos jovens, numa das margens da correnteza, observavam a água com ansiedade. Eles precisavam atravessar, mas como?

Algumas horas antes, eles tinham se perdido do grupo com que faziam trilha. Estavam numa região remota da América do Norte, em algum lugar em meio a uma vasta área inabitada do Canadá. Tinham caminhado penosamente, sem parar, em todas as direções, procurando os amigos, ou pelos menos um caminho para o acampamento. Finalmente, acabaram ali, na margem do rio.

Um dos rapazes, Rémi, tirou os sapatos e colocou o dedão do pé na água. Estremeceu de leve. Estava fria.

Começou a se livrar da roupa desnecessária e aí deu uma olhada no amigo.

—Léon — disse — você está pronto?

Léon olhava fixamente para a água. Seu rosto estava branco-acinzentado. Os lábios tremiam.

Rémi puxou-o gentilmente pelo braço.

— Vamos lá. Não vai ser nada fácil, mas você consegue. Você sabe nadar.

Sem dizer nada, ainda lívido, Léon fez que sim com a cabeça, e juntos eles se aventuraram para dentro d'água. O impacto foi imediato, e seus corpos foram arrastados pela correnteza.

Reunindo todas as suas forças e também sua coragem, Rémi meteu um braço de cada vez na água e começou a bater as pernas. Repetiu o movimento, tomando grandes golfadas de ar a cada braçada, até que finalmente, depois de alguns minutos de trabalho duro, sentiu que estava conseguindo um ritmo. Seu senso de equilíbrio retornou, e seu corpo começou a se mover de acordo com o movimento da água. Ele percebeu que podia trabalhar *com* a correnteza, prestando atenção ao jeito e à direção do fluxo e ajustando as braçadas de acordo com ele. *Sim, consigo fazer isso.*

Quando deixava as ondas passarem por cima, encontrava trechos mornos aqui e ali. Seu campo de visão voltou a se expandir, prolongando-se para além da água à sua frente, e enxergou todos os possíveis trajetos que permitiam atravessar o rio. Havia trechos aparentemente mais rasos, por exemplo, e lugares onde a correnteza parecia diminuir.

— Léon! — disse. — Você está vendo isso?

Rémi olhou em volta à procura do amigo para lhe mostrar um desses locais onde a água era mais plácida.

Porém.... Nem sinal do Léon, em nenhuma direção.

— Léon! — chamou de novo Rémi, agora com certa urgência. — Léon, onde você está?

Procurou por todos os lados, continuando a trabalhar furiosamente com as pernas debaixo d'água. A água esguichava e espumava. Mas nenhum sinal de ninguém.

Finalmente, depois de um tempinho que lhe pareceu uma eternidade, ele ouviu uma voz débil vinda de algum lugar correnteza abaixo:

— Rémi, Rémi, você está aí?

— Léon! É você?

Rémi nadou na direção da voz o mais rápido que pode e logo chegou a uma curva do rio. Agarrado a uma grande pedra que sobressaía na água, lá estava Léon, com as pernas se agitando descontroladamente acima dele. Seu corpo sacudia para cima e para baixo, de um lado para o outro, movendo-se como que submetido aos caprichos e comandos do rio.

— Léon! — gritou — o que você está fazendo?

Léon olhou em volta e viu seu amigo.

— Rémi! Eu não consigo! — respondeu, com uma voz muito aflita.

— Como assim? — gritou Rémi. — Nade, Léon! Não é tão ruim, eu garanto.

— Não, não, não dá. Foi uma ideia terrível — queixou-se Léon, quando levou uma borrifada de água na cara.

— Léon, escute...

Mas Léon não ouvia.

— Eu não acredito que deixei você me convencer a entrar nessa — ele disse.

— Léon, simplesmente nade!

É fácil para ele dizer isso — pensou Léon consigo. — Ele é um excelente nadador. E Léon começou a chorar baixinho, e para piorar as coisas, ainda recebia, de vez em quando, um tapa da água na cara.

Naquele momento, com o canto dos olhos, Léon viu uma coisa vindo rapidamente em sua direção na superfície da água. Era grande, marrom, com jeito desganhado.

— Rémi, Rémi, olhe! — disse excitado. — Podemos usar isso para atravessar.

Rémi, que se mantivera nadando para não ser levado pela correnteza, não tinha notado o objeto que se aproximava velozmente. Agora, conforme o objeto seguia na direção de Léon, ele semicerrou os olhos para ver melhor.

— Não sei não, Léon... — disse, depois de um instante.

Léon, no entanto, já estava quase alcançando aquela grande massa marrom.

— Acho que é um cobertor! — gritou.

— *O quê?* — disse Rémi. — Nunca ouvi falar de alguém atravessar um rio num cobertor. Vamos lá, Léon, é melhor a gente nadar.

No entanto, apesar de todo o efeito que suas palavras tiveram, e Rémi bem que poderia estar falando com a água — Léon já estava ocupado subindo em cima do cobertor. Seus pés escorregaram algumas vezes, mas acabou se firmando sobre o cobertor. Agarrou-se firmemente às suas pregas.

E, como que por obra de mágica, ele se viu agachado sobre o cobertor, seu corpo afundando na lã espessa e emaranhada. Deu um longo suspiro de alívio: *uuuuuffffffaaaa!* Estava salvo.

Na verdade, ele se sentiu tão fora de perigo, tão seguro sobre o seu cobertor, que não percebeu que ainda estava se movendo correnteza abaixo — em grande velocidade. Também não notou que o cobertor não estava boiando do jeito que ele esperava. Nem era tão estável.

De início, era só um balanço suave debaixo dele, como seria natural se ele estivesse navegando numa jangada. Mas então conforme a correnteza foi ficando mais forte, e o cobertor começou a se mover violentamente em resposta, algumas partes dele se afundavam totalmente.

E, quanto mais o cobertor se agitava, mais fortemente Léon se agarrava a ele. Enlaçou as pernas em torno da coisa, abraçou-o e enfiou todo o corpo dentro dele.

Rémi, que ainda estava rio acima, observava com horror tudo que estava acontecendo.

— Léon! — gritou. — Por favor! Me escute! Largue esse cobertor!

Léon não respondeu. Naquele momento, estava lutando tremendamente, parecia até que ele estava em um combate contra o próprio cobertor. A água sacudia e rodava por cima de ambos, Léon e o cobertor, e eles desapareciam sob a superfície, reemergindo logo em seguida.

— Largue! — gritou Rémi.

Finalmente, Léon respondeu.

— *Não posso largar!* — lamentou-se.

— Como assim, não pode?

— Não é... não é um cobertor — veio a resposta desesperada.

— É o que então?

— É um urso, Rémi! E ele não vai me largar!

